A tendência que pode ser percebida na alternância “zinho”, “inho” e “im” é que a motivação desses fenômenos reside no âmbito fonológico, alterando, de maneira consecutiva, o morfológico e, alguns casos, afetando os âmbitos semântico e pragmáticos. Isso se dá pois, em muitas palavras, a colocação dos sufixos “zinho” e “inho” indica apenas o diminutivo do termo, como nas palavras “bola”, “bolinha”, “bolhazinha”, “casa”, “casazinha” “casinha”. Porém, há casos em que tais sufixos indicam uma depreciação quanto ao termo em que eles se ligam, como bem destaca Santos; Coelho (2008, p. 150):

“Em situações de uso da língua que transcendem o discurso literário, também se verifica a variação entre as formas –zinho e –inho, que passam a funcionar como alomorfes. É comum depararmo-nos com determinadas ocorrências que parecem aceitar os dois sufixos, sem qualquer distinção semântica entre eles, conforme se verifica em (1) e em (2), a seguir:

(1) Era tão mimada que por qualquer *queixinha* de nada ia logo reclamar para a mãe.

(2) Era tão mimada que por qualquer *queixazinha* de nada ia logo reclamar para a mãe.

Em casos como esses, o usuário do sistema lingüístico opta, indistintamente, por uma das construções, o que acarreta certo entrave, principalmente para o docente da área de língua, já que é comum ser inquirido quanto à adequação deste ou daquele uso.

Em outros casos, contudo, a distinção semântica é sensível, conforme se percebe em (3) e em (4) seguintes:

(3) Naquela casa afastada, mora um *macumbeirinho* há anos.

(4) Naquela casa afastada, mora um *macumbeirozinho* há anos.

Em (3), o emprego do sufixo –inho parece diminuir a importância do macumbeiro, desqualificando-o para o ofício, fato que não se verifica em (4).” (grifos dos autores)

Como bem demonstrado, em algumas situações os falantes podem usar os dois sufixos, sem que haja alteração significativa nos significados dos termos associados. Entretanto, há casos em que a escolha dos falantes se relaciona não a uma finalidade de utilizá-los na posição de diminutivos, simplesmente, e sim carregam a um propósito de desqualificação, comuns em ironias, por exemplo.

O “im”, por sua vez, apesar de apresentar proximidade com as demais ocorrências, é geralmente associado a dialetos das regiões interioranas do país. É, dessa forma, um fenômeno fonológico que socialmente recebe interpretações diferentes dos “zinho” e do “inho”. Se nesses dois a alternância pode indiciar depreciação quanto ao termo em que se ligam, além da utilização usual de diminutivo, no caso do “im”, a depreciação recai, geralmente, sobre o falante que o utiliza.

Conforme Cunha (2008), tal manifestação é comumente percebida no falar oral. O autor cita Alvar (s/d) para frisar que tal sufixo está ligado ao que denomina como diletos empobrecidos, em regiões com tendência de abandono da escrita. Tal afirmação, contudo, é corriqueiramente questionada por estudiosos da sociolinguística, sob o argumento que tal afirmação se trata de preconceito linguístico.

Portanto, mesmo não sendo a forma gramaticalmente formal, é possível notar que o “im” tende a cumprir a mesma função dos termos anteriores (“zinho” e “inho”), sendo uma alternância fonológica ligada a determinadas regiões do país, que pode ser percebida pela prosódia, ou em manifestações escritas não cultas, que se rege sob o princípio da lei do menor esforço. “Im”, tende a aglomerar os efeitos de sentidos dos dois sufixos de que deriva, tendo seu funcionamento comprovado nas trocas linguísticos dos falantes.